No entanto, o texto carece de uniformização do padrão de citação
escolhido e de referência a textos latinos a serem comentados e/ou
traduzidos, de modo a evitar passagens obscuras e referências confusas.
Causou também estranhamento o fato de o autor inserir uma nota de rodapé
interna a outra nota de rodapé (notas 10 e 11).

O autor crê estar seguindo os padrões de *Aletria* para citar autores latinos nas notas, por exemplo. Assim, depois do nome de cada autor, seguiu-se nas notas o nome da obra citada e a passagem correspondente da mesma obra, pois, como sabemos, não é filologicamente viável citar trechos de textos greco-romanos pela indicação das páginas da edição seguida. Como tentativa de uniformizar um pouco mais esse aspecto, porém, adotamos agora o padrão geral de referenciar a *Ars amatoria* ovidiana como “Arte de amar” ao fazer menções a ela em pé de página, já que tínhamos empregado nas notas nomes traduzidos para o português de textos como as “Elegias” de Propércio (e outros).

Não compreendemos absolutamente o que se quis dizer com “nota interna a nota” para as de número 10 e 11; em 10 e *14*, porém, a numeração em algarismos arábicos *interna às notas*, antes de cada citação latina traduzida, visava apenas a permitir enxergar com clareza tais citações como pontos, a cada vez, particulares da “Arte de amar” de Ovídio. Contudo, para evitar confusões desses algarismos arábicos com os de introdução das notas 10 e 14, nós os substituímos agora por uma sequência de letras, em ordem alfabética.

Alguns trechos apresentam-se incompreensíveis, sugerindo ter havido erro
de digitação e ausência de revisão.

Fica mais difícil para o autor prever por si quais seriam esses trechos; no entanto, pequenos ajustes pontuais de redação ocorreram ao longo do artigo (todas as mudanças nele foram assinaladas em amarelo). De resto, talvez a fase de revisão do artigo, no próprio processo editorial de *Aletria*, possa ajudar a sanar os eventuais problemas linguísticos ainda restantes da estruturação.

Por fim, destaca-se que a menção à obra Cynegeticon [de Grácio Falisco] ocorre apenas no
resumo e na conclusão, o que nos leva a sugerir ou sua exclusão do artigo,
ou uma melhor explicitação de sua inclusão na argumentação.

Excluí a menção a essa obra do resumo, para não gerar expectativas de grande desenvolvimento posterior. No fim, ela saiu do texto em si, mas foi para as notas em uma explicação de Peter Toohey, que situa claramente a linguagem desse poema como “pouco figurada”, e em duas passagens do próprio autor antigo mencionado (Grácio Falisco), com fins exemplificadores desse direcionamento linguístico em particular.